

Rituais, símbolos e a articulação de poderes no Portugal moderno

Hugo Ribeiro da Silva

(Doutorando, Instituto Universitário Europeu)

Diversos estudos publicados nas últimas décadas no âmbito da antropologia, sociologia e da história têm demonstrado que os rituais são uma forma de comunicação. C. Geertz, por exemplo, escreveu já em 1980, no seu clássico livro sobre Bali, que se canções, mapas e imagens não servem apenas para ser contemplados, mas para ser lidos, também os rituais, palácios e formações sociais o devem ser. Assim, como sugeriu P. Burke há duas décadas, os historiadores devem responder à questão sobre quem diz o quê a quem através dos rituais, questão essa que implica a discussão sobre a relação entre ritual, símbolos e poder e permite aos historiadores não ficarem pela mera descrição.

É, portanto, seguindo esta sugestão de P. Burke que estudaremos algumas das cerimónias e símbolos relacionados, em particular, com o clero das catedrais portuguesas, para um período que vai de 1580 a 1670. Através de, por exemplo, vestes, lugares nas catedrais, procissões e entradas episcopais, analisaremos as funções políticas do ritual; questionaremos o seu papel enquanto garante da ordem social; e observaremos a importância dos ritos como forma de comunicação entre a corte e o reino. No final, procurar-se-á perceber quais os significados de conflitos suscitados por símbolos e cerimónias e de que modo eles se relacionam com o processo de articulação de poderes que marca a chamada construção do “estado moderno”. Para responder a todas as questões levantadas recorreremos sobretudo a actas de reuniões e a correspondência de diversos cabidos portugueses.

Palavras-chave: Poder simbólico; Cerimónias; Igreja Católica; Estado Moderno.